

TEÓLOGOS E TEOLOGIAS DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Introdução

O texto que segue é parte de um trabalho teológico maior. Para o curso de antropologia dentro de um seminário teológico é importante perceber quais as contribuições que a própria Teologia pode dar ao assunto. Apesar da temática principal da antropologia contemporânea se debruçar sobre o conceito da cultura, a teologia contribui com conceitos variados de História. Neste caso, da História da Salvação aqui abreviada para HS. Nela estão compreendidas as ações divinas, o papel humano e o que o tempo que vivemos representa. Como se verá adiante, alguns entendem que a história é apenas uma síntese dos pensamentos vigentes ignorando aspectos menores da vida humana. Outros compreendem que o tempo que vivemos nada mais é que o resultado de uma completa alienação de Deus e que a eternidade não apenas supera o tempo presente, mas o anula. Posições mais conservadoras da Teologia afirmam que o tempo presente tem importância dentro do aspecto geral da história. As primeiras posições tem a tendência de ignorar, sob certos aspectos, a cultura por compreendê-la como um acidente. Outras posições nos levarão ao conceito de que é necessário redimir a cultura.

A história humana como uma história de salvação

A HS deve ser entendida como um método de interpretação bíblica e da Revelação. A abordagem desta temática aparece tanto na teologia católica quanto na teologia luterana e reformada.

Além disto, é possível perceber inclinações amilenistas daqueles que a defendem, ou seja, aquelas que concebem o milênio com um evento não literal de mil anos e já em operação. Outras abordagens, como a visão pré-milenista, por exemplo, crêem na presença física de Cristo na terra após sua parousia¹, ou mesmo de uma presença espiritual ou representada por sua igreja, na qual Cristo governa o mundo de modo especial durante um período literal de mil anos.

Na abordagem amilenista entende-se que o Reino já chegou e, mesmo que (aparentemente) ainda tenhamos tido um mundo entregue à iniquidade, o que em certo sentido parece preceder o domínio de Cristo na Terra, o que de fato vemos é a presença

¹ Termo que designa a vinda (segunda vinda) gloriosa de Cristo para Reinar, Arrebatá-lo, instaurar Novos Céus e Nova Terra. É a manifestação apocalíptica do Filho do Homem. Boa parte dos textos bíblicos associados à expressão teológica Filho do Homem, apontam sua vinda com grande poder e glória e cercado de anjos.

do Espírito e da Igreja, o Reino de Deus, que juntos justificam tal conceito. Pessoas têm encontrado a verdade e têm se tornado filhos de Deus por meio de Cristo com a pregação do Evangelho por meio de sua Igreja. O Evangelho tem chegado a lugares longínquos e muitos resistentes ao Evangelho. Mesmo em países alistados como os mais resistentes ao Evangelho, ainda assim é possível encontrar ações missionárias, igrejas e cristãos resistindo a avançando bravamente.

A HS é uma expressão que foi cunhada por Johann Albrecht Bengel (1687-1752)², usada para designar a natureza da Bíblia como sendo o relato de Deus operando a Salvação na história de um povo: Israel e a Igreja³. *É um método de interpretação que postula uma leitura bíblica a partir da obra redentora de Deus no decorrer da história.*

Teólogos como Gerhard Von Rad, ao interpretar o AT, e Oscar Cullmann, ao interpretar o Novo Testamento, trabalharam sua teologia redentiva a partir da HS⁴. Paul Tillich também reserva um capítulo especial em sua Teologia Sistemática para este assunto. Rudolph Bultmann contribui para a discussão com o seu conceito de desistorização que, para efeito de considerações iniciais, gira em torno da relação entre uma possível *supra história divina* que se impõe sobre a realidade da história humana, superando-a, absorvendo-a e suprimindo-a. Este ponto de vista parece encontrar concordância com pontos de vistas que dicotomizam a realidade material e a espiritual e que compreendem de modo diverso a afirmação de que o mundo jaz no maligno (1Jo 5.19).

Estes quatro autores classificaremos como de teólogos de *tendências neo-ortodoxas*, seja por suas colocações conflitantes sobre história e filosofia em relação à Teologia, seja por seus posicionamentos em relação à inspiração das Escrituras que parecem esvaziar sua autoridade ou compreendê-la de modo diverso. Todos estes diminuem ou reduzem o conceito da inspiração divina das Escrituras como tendo sido

² Veremos mais abaixo que a expressão é atribuída à Von Hoffman, mas não dispomos no momento de elementos que nos permitam chegar a uma conclusão sobre a origem da expressão, mas nos importa saber que, para nossa citação posterior, o grande expoente é sem dúvida alguma Oscar Cullmann.

³ Aqui fazemos esta distinção didaticamente como símbolos do AT (o povo Hebreu) e o NT (gentios e judeus). Não estamos entrando no mérito de que a Igreja é o Novo Israel de Deus e nem que os planos de Deus com Israel tenham sido encerrados.

⁴ In: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/01Predestinacao.pdf>, acesso em 31/05/2016 às 8h45.

plena (toda a Escritura) e verbal (cada palavra)⁵. Questionam o conceito de suficiência das Escrituras e atribuem às Escrituras valores diferentes de inerrância e infalibilidade⁶.

Do ponto de vista conservador traremos Poythress que apresenta um trabalho de investigação importante e vasto na área no que diz respeito ao AT, apresentando um esboço completo do AT e o correlacionando diretamente ao NT. Ainda na ala mais conservadora temos George Eldon Ladd, teólogo do NT, que em sua Teologia do Novo Testamento também nos ajuda na compreensão da HS.

Note-se, no entanto, que o autor mais profícuo do tema é Oscar Cullmann de quem trataremos adiante.

A compreensão da palavra Salvação pode ser vista sempre em seu sentido mais restrito como libertação, por exemplo, em relação àquela ocorrida no Egito e descrita no livro do Êxodo, quando o povo é libertado do poder de Faraó apoteoticamente, confrontando os deuses egípcios, por meio de todas as pragas, e culminando na morte por afogamento de Faraó e seu grande exército no Mar Vermelho (Êx 4-14)⁷. Este conceito de libertação, como sinônimo de Salvação, também está presente quando vemos a narrativa em que Deus livra Israel das mãos de povos opressores e inimigos durante o período dos juízes, conforme podemos ver nos Livros dos Juízes, Rute e 1 Samuel. A compreensão da salvação em seu sentido mais amplo e abrangente e de salvação eterna, Vida Eterna, descrita, sobretudo, no NT.

⁵ Geralmente se atribui a Karl Barth a ideia de que *a Bíblia se torna a Palavra de Deus*, ou seja, ela se torna a Palavra quando o crente a lê e estuda. O teólogo brasileiro e autor de diversos livros e de uma Teologia Sistemática, Franklin Ferreira, afirma que, apesar da citação ser verdadeira, Barth jamais aplicou de fato o conceito, tratando a Bíblia com sendo plenamente inspirada por Deus. Além deste conceito, temos também o conceito de que a Bíblia contém a Palavra de Deus, conceito que questiona sua inspiração plena, ou seja, a Bíblia seria um livro onde há palavras de Deus e palavras dos homens. O conceito da inspiração plena e verbal no conduz, irremediavelmente, a ideia de que *a Bíblia é a Palavra de Deus*.

⁶ *Suficiência, inerrância, infalibilidade e confiabilidade* são conceitos ensinados em Bibliologia nos cursos conservadores e ortodoxos da Teologia Sistemática. A Bíblia é suficiente em termos de prática e conhecimento espiritual porque nos revela tudo que precisamos saber a respeito de Deus e de nossa vida pelo menos por agora. A Bíblia não contém erros em termos doutrinários e de fé, o que não implica em que consideremos que ela contenha erros ao tratar de outros assuntos. É infalível porque descreve a verdadeira Palavra de Deus e aponta eventos futuros que damos como certos. Tal certeza se baseia no cumprimento de promessas e profecias antigas já cumpridas.

⁷ É provável, como apontam alguns estudiosos, que os seguintes deuses tenham sido confrontados por Moisés: 1. Água com sangue – Deus Hapi da fertilidade; 2. Rãs – deusa Heqet que tinha cabeça de rã; 3. Piolhos – deus Tót da arte, da magia e do conhecimento; 4. Moscas – começa o contraste entre a vida dos egípcios e dos hebreus, já que estes últimos são preservados da praga; 5. Pestes sobre bois e vacas – Ápis (fertilidade dos rebanhos, Hator (deusa vaca), Nut (representada como vaca também) podem ser os deuses confrontados; 6. Feridas nos egípcios – agora os magos do Egito se retiram para suas casas para se cuidar e já não enfrentam mais a situação; 7. Chuva de pedras – elementos considerados como deuses e pela ação de deuses, mas que destroem tudo dos egípcios porque estão fora de controle – Íris (controla a água), Osíris (controla o fogo); 8. Gafanhotos – confronto com Xu (deus do ar) e Sebeque (deus inseto); 9. Escuridão total – havia luz para os hebreus. Uma das maiores entidades é confrontada aqui, Rá, o deus Sol. Os egípcios gostavam de se denominar filhos de Rá; 10. Morte dos primogênitos - maior afronta ao deus Rá. É a inauguração da Páscoa, evento importante para os hebreus, judeus e cristãos. Não é difícil encontrar explicações, ou tentativas de explicação de todos os fenômenos e das pragas a partir de eventos naturais em cadeia. Também vale a observação: o que é mais crível? A ação de Deus com poder ou o desencadeamento de eventos biológicos e químicos a partir do remexer dos fundos barrentos de um rio?

Invariavelmente os livros de Teologia Sistemática tratam a Salvação como ocorrida (passada ou pretérita – conversão), em processo (santificação) e final (glorificação). Ocorrida no sentido do crente que vence o maligno (Satanás), o pecado (sua luta interior) e o mundo (a corrupção e o sistema caído) em um processo que por meio desta santificação, chega ao final quando a redenção for completa em Novos Céus e Nova Terra. O NT descreve a liberdade do pecado e a vitória sobre a morte e todo o mal. (Jo 8.32-36, 1 Co 15.26, 55-57; Ap 21.4).

Millard J. Erickson⁸ (1932-xxxx), em sua teologia Sistemática, afirma e amplia a compreensão do conceito de Salvação, ao mostrar que ela pode ser descrita em termos de *tempo* (se ela é completa ou se está em execução – neste sentido ela ocorre nos dois aspectos), *de natureza, locus ou necessidade* (qual o grau de rompimento entre Deus e os seres humanos – a questão que está por trás deste questionamento é a extensão da queda humana, se total ou parcial, tema que gerou e gera debates na igreja desde seus primórdios⁹), quais os *meios de salvação* (pela fé ou por meio dos sacramentos – o que distingue a posição reformada da posição católica romana, por exemplo), qual a sua *direção* (se é para indivíduos ou se dirige à sociedade, um conceito complexo de tratar por causa da ética exageradamente individualista do ocidente¹⁰), qual sua *extensão* (qual o número de indivíduos ou o que queremos dizer com sociedade, se adotarmos este ponto de vista), qual o *objeto da salvação* (pessoas e sociedade ou a criação como um todo).

Em uma breve definição, afirmamos que a salvação é ao mesmo tempo um ato e um processo, no qual o indivíduo já recebe, por um ato, pela fé, a transformação de vida, a adoção como filho de Deus, e recebe o Espírito Santo como selo e penhor da sua salvação tendo suas culpas e dívidas pagas por um ato divino que conhecemos como justificação.

⁸ Millard J. Erickson (24 de Junho 1932), nascido em Isanti County, Minnesota é um teólogo cristão, professor de teologia, e autor de mais de 20 livros. Atualmente, Erickson é Professor de Teologia no Seminário ocidental em Portland, Oregon. Ele foi professor de Teologia e reitor acadêmico na Universidade Bethel seminário por muitos anos. Ele também ensinou na Universidade de Baylor. Ele ganhou um BA da Universidade de Minnesota, uma BD de Northern Baptist Theological Seminary, um mestrado da Universidade de Chicago, e um Phd. da Universidade Northwestern. Erickson, um ordenado Batista ministro, é um bastante conservador evangélico e apenas moderadamente calvinista. Ele está acomodando de pontos de vista alternativos sobre uma série de questões, mas um dos maiores opositores do lado mais liberal do evangelicalismo. Erickson também é um proeminente crítico do teísmo aberto e Cristianismo pós-moderno, incluindo o movimento da Igreja Emergente.

⁹ Como, por exemplo, a controvérsia entre Agostinho e Pelágio quanto ao pecado original e a extensão do pecado. Pelágio não cria que o pecado afeta o homem tão profundamente.

¹⁰ Esta questão, vista pelo seu lado negativo, o da condenação, é uma das questões das Escrituras que causam verdadeiros nós interpretativos ao se analisar passagens que mostram a execução de famílias inteiras na Bíblia em virtude do erro de um de seus membros ou de seus patriarcas. Veja o caso, por exemplo, de Acã em Josué 7.1-26.

É um processo também porque ainda se aguarda a glorificação individual com o recebimento da herança em Cristo, novos corpos em Novos Céus e Nova Terra, seja tudo isto pela ressurreição do corpo, seja pelo encontro com Cristo nos ares (1 Co 15).

A queda afetou o homem integralmente e por isto a salvação deve ser também integral. A natureza do homem é caída porque ele já é concebido em pecado (Sl 51).

A salvação se dá apenas pela fé em Jesus Cristo e o reconhecimento de seu Senhorio. A salvação é cósmica e abrange tanto indivíduos como famílias e sociedades, além da própria natureza, excluído, neste caso, o homem, já contemplado anteriormente. É por isto que Paulo afirma que toda criação aguarda com expectativa a manifestação dos filhos de Deus (Rm 8.19-23).

Haverá, sem dúvida, perdidos eternos, mas o número deles não nos é possível cogitar, se muitos ou poucos. Mesmo assim, a salvação entendida como no relato bíblico, é vedada àqueles que não professam sua fé por meio de Cristo, não tendo nascido de novo e não tendo recebido a fé que salva.

A partir de agora, definida em parte a Salvação, vamos conhecer o conceito de HS em autores fundamentais para esta temática. Depois voltamos munidos de mais informações e aprofundaremos o conceito de HS.

Posições neo-ortodoxas

Oscar Cullmann

Oscar Cullmann¹¹ (1902-1999), teólogo do Novo Testamento, se identifica com o termo alemão *Heilsgeschichte*, cujo significado é “história da salvação”, ou literalmente “história santa”. Oscar Cullmann foca seus esforços no NT. O também teólogo J.C.K. Von Hoffman¹², que parece ter sido o primeiro a usar o termo

¹¹ Oscar Cullmann nasceu em Strasbourg, cidade que faz fronteira com a Alemanha, em 25 de fevereiro de 1902. Sua cidade já estava sob o domínio alemão por quase trinta anos e mesmo assim ainda mantinha um caráter francês. Seus pais eram luteranos e educaram seu filho nessa confissão. Colou o grau de bacharel em teologia em 1924 e sendo alguém de cultura bilíngue, logo se destacou por isso. Em Paris tornou-se instrutor de grego e latim na École de Batignolles neste mesmo ano. Em 1938, por causa da sua fama como erudito do NT e história da Igreja primitiva, foi convidado para lecionar em Basileia. Nesse período até 1972 desenvolveu muitos estudos e fundou em Basle um centro de teologia ecumênica, onde promoveu encontros com teólogos católicos romanos e ortodoxos. Essa tendência ecumênica o fez um observador oficial do concílio Vaticano II (1962-1965). Sua morte se deu em 1999, aos 96 anos na cidade de Chamonix, França.

¹² Johann Christian Konrad Von Hofmann (21/12/1810 – 20/12/1877) foi teólogo e historiador luterano. Nasceu em Nuremberg, e estudou teologia e história na Universidade de Erlangen. Em 1829 foi para Berlim onde Schleiermacher, Hegel, Hengstenberger, Neander, Ranke e Raumer estavam entre seus professores. Ele foi particularmente influenciado por Ranke, que quase o persuadiu a se concentrar inteiramente na história secular, em vez de teologia cristã. Em 1833, Hoffmann recebeu uma nomeação para ensinar hebraico e história no ginásio de

Heilsgeschichte, exerceu influência sobre Cullmann o levou a desenvolver, ampliar e divulgar¹³ o conceito, tornando-se assim o seu principal porta-voz.

A *Heilsgeschichte* está e é a religião do povo de Deus, ou seja, aquilo que se desenrola a partir dos eventos históricos e suas interpretações.

Todavia, segundo Cullmann, a teologia da HS reconhece a necessidade de um enfoque crítico sobre as Escrituras, já que cada evento, conforme narrado, não surge apenas como um testemunho dos fatos, mas como um postulado (uma construção de fé, credo ou dogma) que atende intenções maiores que jazem no texto de modo integrado, como o advogam os antigos teólogos liberais ou, mais recentemente, como advogam os escritores neo-ortodoxos.

Há certo desprezo em Cullmann pelos eventos históricos em si, considerando boa parte deles como mitos (criações, fábulas), focando principalmente as intenções de cada texto e cada autor humano, não a verdade dos fatos *per se*, conforme veremos em Von Rad também.

O que o diferencia levemente de Von Rad é o conceito de que alguns eventos podem de fato ter ocorrido, ou seja, sendo de alguma forma verificáveis. Uma postura cética, mas que abre a possibilidade de que alguns daqueles eventos grandiosos tenham de fato ocorrido.

Estes proponentes da teologia da HS veem a Bíblia como um simples registro (interpretativo) dos atos de salvação de Deus na história, mas não reconhecem a sua veracidade e infalibilidade e nem desenvolvem uma teologia sistematizada destes fatos a partir da Bíblia. É por isto que, em nossa avaliação, não podemos colocar Cullmann na fileira definitiva dos conservadores mesmo fazendo pequenas concessões históricas.

A importância das Escrituras, para ele, situa-se em seu registro interpretativo da atuação de Deus na história, ou ainda melhor, na significação e ressignificação dos eventos, mais do que nos eventos em si.

Erlangen. Em 1848 tornou-se professor substituto da faculdade teológica em Erlangen. Em 1842 tornou-se professor na Universidade de Rostock, mas em 1845 retornou mais uma vez para Erlangen como sucessor de Gottlieb Christoph Adolf Von Harless, fundador da *Zeitschrift für Protestantismus und Kirche*, dos quais Hofmann tornou-se um dos editores em 1846, JF Höfling (1802-1853) e Gottfried Thomasius (1802-1875) foram seus colaboradores. Ele morreu em Erlangen. Ele era um conservador em teologia, mas um adepto entusiasta do partido progressista na política, e sentou-se como o membro para Erlangen e Fürth na segunda câmara Bavarian 1863-1868.

¹³ Já vimos que pode haver alguma dúvida quanto a quem cunhou o termo e o lançou no mundo teológico, mas parece não haver dúvidas de que Oscar Cullmann é de fato o seu grande representante.

Cullmann ainda enfatiza que os benefícios dos atos divinos são apropriados pessoalmente pela fé em Cristo, como asseguravam os demais neo-ortodoxos.

Oscar Cullmann estudou na Universidade de Estrasburgo onde posteriormente ensinou grego e história da Igreja Antiga. Convidado pela Universidade de Basileia trabalhou como professor de História da Igreja e de Novo Testamento, onde alcançou o reconhecimento acadêmico e a reputação de uma faculdade prestigiosa. Foi ali que também recebeu a influência de Karl Barth em seu enfoque Cristológico do Novo Testamento. A postura mais conservadora de Cullmann é evidenciada em sua opinião sobre algumas características radicais da desmistificação e crítica das formas proposta por Rudolf Bultmann. Além disso, Cullmann dependeu menos do existencialismo e enfatizou mais a exegese. Os principais aspectos da teologia da HS em Cullmann podem ser resumidos como segue.

Ele enfatizava a revelação de Deus nos eventos históricos (verificáveis, mas com ênfase cristológica – a autoconsciência messiânica de Cristo, por exemplo). Além de construir a história, Deus se manifesta como o Deus que Salva. Cullmann rejeitou a ideia de que os mitos são engrandecidos pela igreja construindo significado como afirmava Bultmann. Para ele, as Escrituras não são infalíveis, elas são apenas o veículo para explicar os eventos divinos da história santa porque, ainda segundo ele, há muitos elementos que não são verificáveis e, portanto, descartáveis na construção da HS. O elemento importante é a “história santa” e não as palavras exatas das Escrituras. O ápice da HS é a vinda de Jesus como Messias. A era escatológica começou com a encarnação de Cristo, mas o ponto culminante é futuro, na sua Parousia, segunda vinda.

Cullmann, por isto, redefine a escatologia já que para ele todos os eventos do NT e da história da igreja são escatológicos, algo que também afirma George Eldon Ladd, ou mesmo dos conteúdos querigmáticos da igreja, presentes até mesmo de autores mais liberais.

Todos parecem concordar que a Igreja é uma comunidade escatológica. Os que aderem à teologia da HS, juntamente com os neo-ortodoxos, insistem na necessidade de um encontro subjetivo para conhecer o significado da revelação¹⁴.

¹⁴ O conteúdo desta subjetividade pode ser considerado como o posicionamento diante de conteúdos futuros para os quais não há, pelo menos ainda, alicerces na realidade histórica, subsistindo, pelo menos no momento, como conteúdo de fé.

Há várias coisas elogiáveis no enfoque de Oscar Cullmann. A sua ênfase na historicidade dos eventos bíblicos é crucial para a mensagem cristã. Cullmann afirma que *“com certeza somente se pode ter fé autêntica se cremos no fato histórico de que Jesus se considerava o Messias, esta que é uma verdade central do Cristianismo”*¹⁵, coisa com a qual Paul Tillich não concordaria.

Cullmann também enfatiza a centralidade e historicidade de Jesus Cristo, o que parece colocá-lo mais ao lado dos conservadores, mas, como afirmamos anteriormente, ele aceita apenas a historicidade dos eventos verificáveis o que, em certo sentido, reduz a narrativa a poucos fatos. Ele, por exemplo, chama de mitos relatos como a história descrita em Gênesis a respeito de Adão.

Cullmann também adota o método de Bultmann da crítica das formas¹⁶, dividindo as Escrituras segundo o seu próprio critério. A teologia da HS de Cullmann

¹⁵ Bultmann, como veremos, defende a ideia de que Jesus não se afirmava ou considerava o Messias, mas que o Messias virá, ou seja, a Parousia exige o Messias como grande Rei, Guerreiro e vingador, que Jesus não cumpriu em sua vida, sendo apenas um mestre, curandeiro e exorcista.

¹⁶ O pressuposto da crítica da forma é que não se pode confiar na Bíblia como relato fidedigno da vida e ensino de Cristo e dos apóstolos. Nas palavras de um cultivado contemporâneo da crítica da forma se lê que “o labor do crítico da forma é mostrar que a mensagem de Jesus, tal como chegou-nos nos Sinóticos, não é em grande parte autêntico, senão que recebeu o retoque da fé da comunidade cristã primitiva em suas várias etapas.” Para Bultmann a Bíblia não é a Palavra inspirada por Deus em nenhum sentido objetivo. Se bem que Deus fala aos homens por meio da Bíblia “objetivamente a Bíblia é um produto das antigas influências históricas e religiosas e deve ser avaliada exatamente como qualquer outra obra literária religiosa antiga.” A premissa fundamental da crítica da forma é que os Evangelhos são primordialmente produtos do labor compilador da igreja primitiva. Os autores dos Evangelhos trataram de unir várias tradições orais independentes e contraditórias que existiam na igreja antes mesmo que se escrevesse o Novo Testamento. Estas tradições orais também são por si mesmas totalmente dignas de confiança. Consistiam basicamente em ditos e relatos individuais referentes a Jesus e a seus apóstolos. A igreja os utilizou e juntou-os em forma narrativa, inventando lugares, tempos, e enlaces para unir as tradições independentes. Frases como as dos Evangelhos, “em um barco”, “imediatamente”, “no dia seguinte”, “numa viagem” – não são mais do que meros recursos literários que utilizaram os compiladores dos Evangelhos para unir todos os ditos e histórias independentes acerca de Jesus. Como K. L. Schmidt, um dos pioneiros deste método, declarou que “não possuímos a história de Jesus, temos apenas histórias acerca de Jesus.” O propósito do método da crítica da forma é analisar a história da tradição oral subjacente nos Evangelhos escritos. Os Evangelhos servem somente como matéria prima de nosso estudo para achar “o evangelho prévio aos evangelhos.” Como a premissa é que a igreja primitiva organizou de forma artificial, de acordo com os seus próprios propósitos apologéticos e evangelísticos, os materiais dos Evangelhos num relato harmônico, o crítico da forma deve destruir essa harmonia artificial, tratar de descobrir as formas originais da tradição oral incorporada nos escritos, e em seguida reconstruir a tradição mais antiga, ou que melhor que seja possível. O primeiro passo para esta técnica é admitir que qualquer indicação que se encontre nos Evangelhos quanto à sequência, tempo, lugar etc., nem mesmo a história é confiável. Devemos recordar o marco da história para encontrar a estrutura do começo, as narrativas e ensinamentos separados que a igreja primitiva reuniu artificialmente. Feito isto, as passagens específicas são classificadas em grupos como relatos de milagres, declarações controvertidas, aforismos e profecias. Cada um destes grupos tem uma forma fixa. Assim, pois, se ao encontrar certa tradição específica, mais ou menos semelhante a esta forma fixa, pode-se julgar se ela pertence a uma tradição primária ou secundária, a uma fonte inicial ou tardia, a uma tradição mais, ou menos confiável. Como um autor descreveu que “a crítica da forma determina a idade das histórias e ditos dos evangelhos examinando a sua forma da mesma maneira que um criador de cavalos sabe a idade do animal examinando os dentes.” Quanto mais antigo for o relato, tanto mais confiável ele o é enquanto fonte histórica. Os resultados desta classe de metodologia são sumamente cépticos, para dizê-lo com moderação. Para Bultmann o resíduo histórico se encontra acima de tudo nos ensinamentos de Jesus, não no relato de seus atos, e ainda menos no retrato de sua pessoa. Não há dúvidas de que Jesus viveu e muito realizou das obras que lhe são atribuídas na tradição estudada. Mas ele se mostra céptico quanto a todas as demais coisas. Bultmann escreve que “creio realmente que agora não podemos saber quase nada acerca da vida e personalidade de Jesus, sendo que as fontes cristãs primitivas não se interessam por isto e, além do mais, são fragmentárias e legendárias; e não existem outras fontes acerca de Jesus.” In:

também acompanha a opinião de Barth, pois identifica a revelação como uma experiência subjetiva.

Na teologia da HS o encontro espiritual é o ponto central da revelação.¹⁷ Parte da obra de Cullmann foi escrita de modo a refutar e interagir com ideias de dois importantes teólogos contemporâneos dele: Barth e Bultmann, sobre os quais falaremos adiante.

De Karl Barth, a *Heilsgeschichte* de Cullmann tomou muitas ideias básicas para um novo enfoque da história. Também foi influenciado pela compreensão cristocêntrica do barthianismo e pelo conceito definitivo do papel da fé na revelação divina. De Rudolf Bultmann, Cullmann tomou os métodos exegéticos da crítica formal para aplicá-los em sua reconstrução da história do Novo Testamento.

Devido a esta relação com os escritos de Barth e Bultmann, podemos nos referir às ideias Cullmann como neo-ortodoxas em sua orientação. O mais interessante na obra de Cullmann é que, ao mesmo tempo em que Cullmann manteve algumas ideias de Barth e Bultmann, ele não temeu desassociar-se desses homens. Ele diz que Barth e Bultmann assimilaram noções filosóficas estranhas “que corromperam sua percepção da mensagem espontânea do NT”. Suspeitamos que seja uma referência a crença em um dualismo estrito em Barth quando este se refere ao *Totalmente Outro*¹⁸. Quanto à teologia de Bultmann, ele diz que, principalmente ao fazer distinção entre os elementos essenciais e acidentais da mensagem do Novo Testamento, ela é arbitrária e ingênua.

O Novo Testamento, segundo ele, deve ser a chave para a compreensão de si mesmo. Cullmann dá um pequeno passo em direção a aceitar a narrativa bíblica como suficiente e factível para a construção de uma teologia da HS e que tenha a revelação bíblica como suficiente, ainda que considere que alguns eventos não verificáveis podem ser descartáveis para a narrativa e a HS.

<http://www.seminariojmc.br/index.php/2017/12/06/a-critica-da-forma-o-metodo-de-bultmann/> acesso em 11/04/2019 às 7h53.

¹⁷ In: <http://doutrinacalvinista.blogspot.com.br/2012/01/historia-da-salvacao-na-perspectiva-de.html>. Acesso em 11/04/2019 às 7h54.

¹⁸ É uma expressão barthiana que ganhou notoriedade inclusive fora dos círculos teológicos. É uma forma de se referir a Deus em sua total dessemelhança da criação.

Gerhard Von Rad

Para Von Rad¹⁹ a tarefa principal do teólogo do AT era descobrir a "intenção querigmática", entendida aqui como a mensagem que é o cerne da proclamação bíblica, e que informa e edifica os crentes ao anunciar as verdades eternas aos não cristãos por meio dos documentos do AT, tanto como mensagem que pode salvar, como mensagem que pode condenar os incrédulos. Para ele o Querigma aponta nas duas direções.

Ele disse que *"o teólogo deve ocupar-se, antes de tudo, dos testemunhos imediatos sobre o que o próprio Israel pensava de Deus, começando por aprender colocar, melhor do que no passado, a questão da intenção querigmática de cada um dos documentos (Von Rad: 2006, 108)."*

Esta intenção querigmática específica se encontra nas declarações que Israel fez sobre Deus e seu relacionamento como seu povo, povo que expressou suas impressões históricas interpretando os eventos conforme foram transmitidos pelos antepassados – *as suas declarações de fé.*

O *Shemá*²⁰ de Deuteronômio 6.4 é um exemplo disto: "Ouça, ó Israel: o Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor", e é visto exatamente no contexto em que os israelitas são orientados a inculcar em seus filhos estes conceitos perenes.

Historicamente, o *Shemá* está alicerçado na interpretação dos atos de Deus até então, como o grande livramento do Egito e a passagem pelo Mar Vermelho, assim com as teofanias no monte Sinai.

Aquele Deus que os livrou com mão poderosa do Egito por meio de tantos milagres e confronto com os deuses falsos do Egito, aquele Deus que os conduziu pelo deserto os conservando durante 40 anos, era o Deus a ser adorado e lembrado o tempo todo por meio de seus atos. Livramentos e seu cuidado com o povo deveriam ser aguardados sempre, mas nunca se deveria esquecer o que Ele já fizera – o passado normatiza o presente. Os fatos da história revelam seu caráter, sua forma de conduzir seu povo e apontam também para um fim.

Von Rad também diz que

¹⁹ Gerhard Von Rad (21 de outubro de 1901 - 31 de outubro 1971) foi um teólogo alemão, acadêmico e professor Universidade de Heidelberg, responsável por vasta literatura sobre o AT.

²⁰ *Shemá* Israel (em hebraico שמע ישראל; "Ouça Israel") são as duas primeiras palavras da seção da Torá que constitui a profissão de fé central do monoteísmo judaico (Dt 6.4-9) no qual se diz יהוה אחד יהוה אחד יהוה אחד (Shemá Yisrael Ado-nai Elohênu Ado-nai Echad - Ouve Israel, ADO-NAI nosso Deus ADO-NAI é Um).

“se observarmos, neste particular, a gama teológica das expressões religiosas de Israel é extremamente reduzida em relação às dos outros povos, pois os testemunhos israelitas estão limitados a descrever a relação entre Javé, Israel e o mundo unicamente do ponto de vista de uma ação divina contínua através da história. A fé de Israel está inteiramente baseada numa teologia da história, tem consciência de que seus fundamentos são os fatos da história e da que os acontecimentos nos quais vê a mão de Javé é que a modelam e a transformam” (Von Rad: 2006, 108).

Von Rad entendeu a história de Israel como a HS, isto é, o registro dos atos de Deus para beneficiar o seu povo salvificamente e libertariamente. Ele entendeu esses "atos de Deus" como os atos que Israel reconheceu pela sua fé, como por exemplo, a chamada dos patriarcas, o Êxodo, e a conquista de Canaã.

Os postulados de fé, ou credos hebreus, construíram e deram significado e unidade ao povo o que integrou os eventos dos quais participaram, incluindo também toda sorte de lutas e sofrimentos, tendo o Exílio como seu ponto central, mais tenso e alto. Haverá uma total recuperação e reformulação da fé hebréia após o Exílio.

De acordo com Von Rad, estes "atos de Deus" não podiam ser reconstruídos pela investigação científica empregada pelos críticos literários, simplesmente porque esta metodologia é totalmente incapaz de investigar adequadamente as declarações de fé Israel à luz de eventos históricos que não podem ser reconstruídos, seja pela sua magnitude, seja pela falta de outros testemunhos. Estes testemunhos poderiam ser arqueológicos, documentais (extra bíblicos, obviamente), etc.

Esta posição criou um dilema para Von Rad porque ele aceitou, desta forma, as conclusões da crítica bíblica. O dilema foi produzido porque, por meio deste ponto de vista, temos dois retratos da história de Israel. Um retrato científico feito pelos críticos históricos e literários modernos, que invariavelmente trabalham muito mais na contramão da veracidade dos textos, mas procuram postular as verdades bíblicas como construções de fé tardias de Israel e, conseqüentemente, da Igreja, e um retrato "querigmático" produzido pela fé de Israel. Pontos de vista que conforme afirmamos, se corroboram.

Este é o mesmo problema que fez surgir o termo *Jesus histórico*, ou seja, a incapacidade de concluir que o Jesus que viveu no primeiro século corresponda exatamente ao Jesus declarado nos Evangelhos, seja por causa de seus milagres seja por causa das suas afirmações messiânicas. Von Rad, neste sentido, no que diz respeito ao AT, colabora com esta dicotomia. Para Von Rad, o Pentateuco nos apresenta um retrato da história de Israel escrita pela fé e não pela metodologia histórica do século 19.

A posição de Von Rad gera ainda duas perguntas: Como "desdobrar" o significado querigmático do AT e, especificamente, do Pentateuco? Se a metodologia histórica não é adequada, qual é a metodologia mais apropriada?

Para ele a melhor maneira de descobrir o significado das narrativas do Pentateuco seria o desdobramento das narrativas que Israel preservou originalmente.

De acordo com Von Rad, a metodologia que Israel usou para reconstruir a sua história foi "converter" as várias narrativas históricas num querigma unificado. Essa "conversão" envolveu um processo de reflexão teológica contínua sobre o significado das narrativas para cada nova geração de israelitas.

Essa reflexão foi dirigida para um alvo só: a manutenção da unidade do povo de Israel. Von Rad disse que *“cada geração se reencontrava diante da tarefa sempre idêntica e sempre nova de se compreender como Israel. Num certo sentido, cada geração deveria tornar-se Israel.”*

De acordo com Von Rad, os escritores do Pentateuco tinham esse alvo em mente quando "proclamaram" seu querigma. Os escritores observavam a história de um ponto específico, reconhecendo a necessidade de cada geração de israelitas de sentirem-se parte da história das gerações anteriores.

Neste esquema a atualização das tradições de cada geração foi feita pelos escritores dos documentos. Toda geração apresentou demandas teológicas novas e todo escritor sentiu necessidade de reformar as tradições anteriores para suprir as necessidades da sua geração sem mexer com os documentos (credos e afirmações) dos seus predecessores. As demandas no deserto foram diferentes das demandas da invasão dirigida por Josué, diferentes da fase em que ainda não havia Rei em Israel e cada um fazia o que queria (Jz 17.6, 18.1, 19.1, 21.25), diferentes no período da monarquia com

Reino unificado (Saul, Isbosete²¹, Davi e Salomão), diferentes da fase do Reino dividido em norte (Israel) e sul (Judá) até o exílio²² de cada um deles, e desafios diferentes no período de retorno do Exílio.

Assim, cada escritor colocou o seu documento ao lado do documento anterior criando uma base de tradições históricas cada vez maiores. O conteúdo querigmático nos postulados da fé tinha o claro elemento unificador e condensador da história e da própria identidade do povo como algo único para fins de continuidade e de preservação do povo (sua identidade, sua salvação).

Assim, para Von Rad, a história da narrativa bíblica não se justifica fenomenologicamente, mas do ponto de vista dos postulados de fé, ou seja, do ponto de vista confessional. Em outras palavras, a história é o resultado em termos de credos e profissões de fé de toda reflexão histórica com sobreposição de camadas interpretativas e ilustrativas que reforçam ainda mais os credos e postulados previamente estabelecidos.

Tal ponto de vista nega a história fenomenologicamente, mas cria um alicerce confessional muito sólido sobre o qual podemos entender o pensamento hebreu no AT. Pensamento este que será acompanhado pelo NT, um documento igualmente judaico.

Paul Tillich

Ainda acrescentaremos à lista Paul Tillich (1886-1965)²³ com uma abordagem talvez menos teológica e, ainda que tenha escrito uma Teologia Sistemática, se vale de categorias e terminologias que, ao tratar da Teologia Própria, podemos considerar tendo elementos pertencentes muitos mais à filosofia do que à Teologia. Assim, os termos tradicionais como Deus, por exemplo, são apenas símbolos e nada mais.

²¹ Geralmente desconsideramos Isbosete como Rei de Israel. Abner faz Isbosete rei de Israel antes de Davi, logo após a morte de Saul e de três de seus irmãos. Vemos esta história em 2 Samuel 2.8-32.

²² O livro dos Reis de Israel e Judá no AT corresponde a este período. Em 2 Reis 17 vemos a queda de Samaria em 722 a.C sob o domínio dos sírios. Entre 2 Reis 18-25 vemos a queda de Jerusalém sob o domínio babilônico.

²³ Tillich nasceu na Prússia, filho de um pastor luterano que o educou nas crenças tradicionais. Todavia, sua mãe incentivou-o a expandir seus horizontes. O seu amor pela natureza em seu ambiente rural permaneceu com ele toda a sua vida. A sua família mudou-se para Berlim quando ainda era jovem. Depois estudou em Berlim, Tubing, Halle e obteve um doutorado em Filosofia em Breslau; foi ordenado pastor luterano em 1902. Tornou-se capelão da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1924 começou ensinar teologia em Masburg, onde também foi influenciado pela Filosofia Existencialista de Martin Heidegger. Acabou sendo expulso da Universidade de Frankfurt em 1933 por sua aberta oposição a Adolf Hitler. Migrou para os EUA, onde exerceu a docência no Union Theological Seminary em New York, em Harvard e na Universidade de Chicago. Escreveu uma Teologia Sistemática em três volumes assim como muitos outros volumes. Seria chamado de o “teólogo dos teólogos” e seus escritos não eram fáceis de entender. A sua teologia era considerada liberal na Alemanha, mas neo-ortodoxa nos EUA. Poderia chamar-se de teologia dialética. Tillich dizia estar no limite entre o liberalismo e a Neo-ortodoxia. Representava a ala radical da Neo-ortodoxia, enquanto Karl Barth representava a ala conservadora.

Tillich não via Deus como um ser pessoal, porque isto o colocaria na condição de um ser finito e descritível (pessoal), mas como o “Ser” em si, o auto existente e/ou aquele com vida em si mesmo, um ser completamente transcendente. Esta é uma tentativa de exaltação do divino e de expor a total incompetência humana de descrevê-lo.

Para ele, Deus é o Fundamento ou o Poder do Ser. Deus está além das coisas que pertencem ao finito, ou à finitude. Todas as coisas finitas existem, e a existência é qualidade e condição do finito. Deus não existe – Deus é! Simplesmente é.

Deste modo, Tillich dizia que “é tão ateu afirmar a existência de Deus como negá-la”. Deus é ser em si, não apenas um ser. É impossível, para ele, descrevê-lo fenomenologicamente por que não se encaixa em qualquer formato ou categoria humana de descrição.

Sua Hamartiologia, por exemplo, diz que o pecado se descreve como alienação do verdadeiro ser, ou do fundamento do nosso ser, o pecado nos faz *não seres*. A queda não foi um evento histórico, antes “é uma transição não temporal da essência para a existência”²⁴. É uma “queda” e neste sentido é trágica, pois provoca a situação em que o homem está alienado de seu ser essencial.

Para Tillich o caráter essencial do pecado é a interrupção da unidade essencial com Deus. Ele afirma que “na existência o homem está alienado do fundamento de seu ser, dos outros seres e de si mesmo.” A salvação não se expressa em termos tradicionais e históricos, para Tillich a salvação está no novo Ser, que é “a preocupação última” da classe de vida vista em Cristo, porque Cristo evidenciou uma preocupação real. Entende-se a preocupação última como a preocupação principal sobre todas as demais; que se relaciona com o “ser” ou o “não ser”.

O homem contempla com esperança a Cristo, mas nos termos que são usados no sentido ortodoxo, como um ser histórico, mas como um ser transcendente que invade imanentemente a realidade para absorver o que existe para que transcenda o caráter da própria essência – *deixar de existir para passar a ser*. Cristo é quem resgatará a humanidade de seu estado de completa alienação existencial. Cristo é “um símbolo do

²⁴ A queda seria assim deixar de ser, no sentido essencial, e passar a existir, ou seja, adentrar o evento fenomenológico em que se assume a limitação da existência finita. É fácil, deste modo, observar a tendência muito mais filosófica de Tillich do que teológica em si. Devemos destacar também seu papel como historiador, como, por exemplo, Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX e História do Pensamento Cristão, ambos pela ASTE.

Novo Ser em que se dissolveu toda força da alienação que intente dissolver sua unidade com Deus.”

Portanto, Tillich rejeitou a crença na encarnação e na ressurreição Cristo como eventos reais. Paul Tillich parece, deste modo, ser mais filósofo do que realmente teólogo porque tratou mais com ideias e conceitos do que com os eventos históricos das Escrituras que parecem pouco lhe interessar. Tillich deu demasiado crédito à razão humana.

Pontualmente o seu enfoque na interpretação das Escrituras é uma forma moderna de alegoria. Segundo ele, se atribuiu significados novos às palavras bíblicas. Negou a personalidade de Deus e se referiu a ele como sendo “Fundamento último da existência”. Rejeitou o pecado pessoal e a rebelião contra Deus; também rejeitou o evento histórico da queda no Éden. Para ele o pecado do homem é sua falta de preocupação (alienação). A salvação não estaria na pessoa histórica de Cristo, porque este é para ele apenas um símbolo.

Na teologia de Tillich, Jesus Cristo não é a pessoa histórica das Escrituras. A salvação não se alcança através da expiação dos pecados, mas pela preocupação última. O enfoque de Tillich sobre as Escrituras violentou todas as grandes doutrinas históricas sustentadas pela fé cristã. Ele, no entanto, contribui para a temática da HS quando afirmou que:

Como se manifesta a história da Salvação? Nas descrições das experiências revelatórias. A Realidade da Revelação, e onde antecipamos alguns elementos a esta parte onde se examinou a manifestação do Poder Espiritual em relação a seus elementos cognitivos. E nos capítulos que tratam dos efeitos da Presença Espiritual sobre indivíduos e comunidades (pág. 614), descreveu-se a manifestação do poder salvador em sua totalidade. Mas não discutimos a dimensão histórica destas manifestações e sua dinâmica em relação à dinâmica da história universal. Se o termo História da Salvação tem alguma justificativa, deve apontar para uma sequência de eventos em que o poder salvífico irrompe nos processos históricos já preparados por estes processos, para que possa ser recebido, transformando-se para que possa ser efetivo na história. Vista desta maneira, a História da Salvação é uma parte da História Universal. Ela pode ser identificada em termos de

tempo mensurável, causalidade histórica, espaço definido e situação concreta (Tillich: 2005, 795).

Ele compreendeu a HS como as manifestações do Reino de Deus na História, onde ocorrem igualmente a Revelação e a Salvação. O ponto culminante é a Manifestação de Cristo como o Novo Ser que irrompe sobre a humanidade em uma nova e totalmente diferente realidade. Indica que a vinda do Messias e a nova realidade do novo ser está em *descontinuidade histórica* com a realidade humana. É um rompimento.

Em certo sentido, afirma que os eventos históricos preparam o ambiente para a HS e que esta se impõe sobre estes mesmos eventos meramente preparatórios. Por tempo mensurável parece indicar a frequência, o tempo e a intensidade dos fatos. Por causalidade histórica parece referir-se à contiguidade dos fatos salvíficos e da história mundial. Pelo menos agora não se desenrola sem uma causa clara. Por espaço definido entende-se não apenas a geografia, mas a condição especial de um povo em condições culturais para receber tal história e tais eventos. E, finalmente, por situação concreta, fatos que correspondam ou corroborem a HS.

Tomando como exemplo Jesus Cristo, nada seria casual ou sem propósito. Ele vem na plenitude dos tempos quando as esperanças messiânicas, que em boa parte eram falsas e distorcidas, formavam o pano de fundo para sua vinda. O judaísmo era complexo e a opressão romana (a falsa *Pax Romana*²⁵) clamava por uma nova intervenção de Deus para seu povo e que seria ampliada, em Cristo, a toda criatura. Os profetas já tinham anunciado devidamente sua vinda e o ambiente espiritual estava pronto, ainda que seu próprio povo tenha sido incapaz de reconhecê-lo. A salvação vem dos judeus e Jesus era judeu, da linhagem de Davi. Seu nascimento, fuga para o Egito e retorno, e outros tantos eventos pessoais, corresponderam perfeitamente às profecias.

A HS assim entendida mostra intencionalidade e o controle divino da história fazendo com que os eventos que ele mesmo promove e provoca deem o tom da história humana.

²⁵ A Pax Romana, expressão latina para "A Paz Romana", é o longo período de relativa paz, gerada pelas armas e pelo autoritarismo experimentado pelo Império Romano que iniciou quando Augusto, em 28 A.C., declarou o fim das guerras civis e durou até o ano da morte do imperador Marco Aurélio, em 180 d.C.

Tal afirmação nos livra do fatalismo historicista (historicismo²⁶) que descreve a saga humana como uma sucessão não planejada de eventos, uma simples relação de causa e efeito. Há uma mente planejando e guiando tudo. A história não é um mero fluxo de eventos autoexplicativos, mas também causados (por Deus).

Rudolph Bultmann

Rudolph Bultmann²⁷ (1884-1976) em sua Teologia do Novo Testamento trabalha o conceito de Querigma e parece avesso a ideia de uma HS da salvação coletiva ou em continuidade com a história pessoal. Prefere falar em termos de uma *desistorização*²⁸, na qual enxerga que uma nova realidade que, a partir do Querigma, instala-se gerando um novo ser, mas como que alheio à história terrena e em descontinuidade com a história pessoal. O conceito escatológico de Cristo é de caráter individual, ou seja, ele salva o indivíduo e lhe dá uma nova história.

Partindo do conceito de que o Messias ainda não veio, mas virá²⁹, afirma que a Parousia é elemento exclusivo e necessário para uma messianidade ainda não vivida pelo próprio Cristo, mesmo enquanto ser divino-humano presente no primeiro século. O Reino, sob esta visão, será instaurado por meio da implantação de uma nova história sobreposta à história atual, que a substitui e supera, como ele mesmo afirma:

Jesus não fala mais das revelações de Deus na história do seu povo e dos povos como faziam os antigos profetas. E, se aponta para o juízo vindouro

²⁶ A ideia de que a história é autoexplicativa e que não há nada além da história ou fora da história a guiando, conduzindo ou influenciando. Neste caso, por exemplo, Cullmann afirma que o intérprete somente conhece a história quando se identifica com ela. Obviamente que essa é uma ideia da neo-ortodoxia. A história, quando o intérprete a conhece, passa a ser revelação, e o estudioso participa dessa história pela fé. Uma ideia parece aproximada aos conceitos barthianos, que entre tantas coisas afirma que a revelação a é enquanto revelação somente ao que se aproxima dela com dela, *tornando-se* revelação, como se a verdade fosse negada e subtraída a alguém apenas porque não crê, o que faria de Deus um deus injusto caso julgue e condene qualquer um que não creia mesmo tendo lhe negado este direito e este acesso. Esta pode ser a base sobre a qual os universalistas justificam a salvação de todos. O termo universalismo pode ter variadas conotações em contextos e momento diferentes, mas aqui é a advertência a ideia de que, ao final, todos serão salvos de alguma forma, mesmo os desobedientes, incrédulos, céticos e ateus.

²⁷ Rudolf Karl Bultmann (Wiefelstede, 20 de agosto de 1884 – Marburg, 30 de Julho de 1976) foi um teólogo alemão. Em 1912 começou a trabalhar como docente na área de Bíblia - NT em Marburg; em 1916, tornou-se professor em Breslau; em 1920 foi para Giessen e, em 1921, transferiu-se para Marburg, onde viveu e trabalhou até o final de sua vida. Ocupou-se com muitos temas da teologia, filologia e arqueologia. Levantou questões importantes que dominaram a discussão teológica do século passado e são relevantes até hoje, como, por exemplo, o problema da desmitologização.

²⁸ Desistorizar seria não contar ou não descrever a história de alguém ou de um povo. No caso de Bultmann, desistorizar seria negar, subjugar, esvaziar, desprezar a história humana pela imposição da história divina ou da HS.

²⁹ Bultmann defende a ideia de que Jesus jamais se afirmou como Messias, mas que este conceito foi uma construção tardia das primeiras comunidades cristãs. Na verdade, segundo Bultmann, ele facilmente se via como rabi (mestre), com exorcista e como um curandeiro. No entanto, ele explica que sua Parousia (vinda e não retorno) já se dará como este Messias, ou seja, o Messias não veio ainda, virá.

de Deus, ele não pensa, como aqueles, em catástrofes na história do mundo, tampouco o reinado de Deus se realiza, para ele, no estabelecimento de um poderoso e brilhante reino israelita. Sua pregação não se dirige em primeiro lugar, como a pregação profética, ao povo como um todo, e sim, aos indivíduos. O juízo não virá sobre os povos, mas sobre indivíduos, que deverão prestar contas perante Deus; e a salvação vindoura trará felicidade aos indivíduos. Juízo e salvação são fenômenos escatológicos no sentido estrito, isto é, fenômenos com o quais o antigo curso do mundo e a história terminam de vez. Dessa forma, a ideia que Jesus tem de Deus é desistorizada (*entgeschlicht, alemão*)³⁰, e o ser humano visto sob este conceito de Deus está desistorizado; isto é, a relação entre Deus e o ser humano está livre de suas ligações com a história do mundo. Isso já é mais ou menos o caso no judaísmo – ao contrário do que acontece na profecia veterotestamentária – por outro lado, a ideia que Jesus tem de Deus está radicalmente historizada em oposição ao judaísmo. Para o judaísmo, Deus está desistorizado como aquele que se tornou distante, assentado no trono celestial, cujo governo do mundo é executado por anjos e cuja relação com o ser humano é mediada pelo livro da lei. E para o judaísmo o ser humano está desistorizado na medida em que é excluído do mundo por meio do rito e encontra sua segurança na comunidade ritualmente pura. Por meio de seu legalismo, a comunidade judaica produz sua desmundanização pelo fato de que Deus se dirige diretamente a ele, de que o arranca de toda a segurança e o coloca diante do fim. E Deus está desmundanizado pelo fato de seu agir ser concebido como agir escatológico: ele tira o ser humano das ligações mundanas e o coloca diretamente diante de seus olhos. Portanto, a desistorização ou desmundanização tanto de Deus quanto do ser humano deve ser entendida dialeticamente: justamente o Deus que se situa além da história do mundo encontra-se com o ser humano em sua respectiva história pessoal, no dia a dia, em sua dádiva e exigência, o ser humano desistorizado, isto é, destituído de sua segurança, é remetido ao encontro concreto com o próximo, no qual ele se torna autenticamente histórico (Bultmann: 2005, 63-64).

³⁰ Inserção nossa.

O pensamento bultmanniano claramente se opõe ao conceito da história como fenômeno observável e do qual o homem toma partido e participação. Tudo isto pouco importa. O que importa é que o homem seja remetido a uma verdadeira história por meio do qual terá acesso a Deus, sendo que, mais uma vez, nem o próprio Cristo viveu ainda a plenitude de sua messianidade. A história ainda não aconteceu.

Resumindo as posições neo-ortodoxas e liberais

Antes de partirmos para as posições conservadoras, enfatizamos de forma resumida os pensamentos já expostos.

Para Cullmann há fatos verificáveis e não verificáveis na Bíblia. O que importa é que a HS é uma construção importante que prepara seu povo para as ações escatológicas e divinas. A igreja é uma comunidade escatológica, ligada historicamente a este ato futuro evidenciado pela Parousia. Viver é se preparar para o fim escatológico.

Para Von Rad não importam os fatos passados, mas os credos que são formados que tem o propósito de manter o povo unido e confiante na Salvação Divina. A HS se apresenta com um credo, uma formulação coletiva cujos fatos em que se baseia pouco importam.

Tillich, filosoficamente, rejeita toda a realidade presente como sendo uma total alienação de Deus. A HS corresponde ao crescente processo de desalienação do ser humano rumo ao ser Divino. Uma negação da história.

Para Bultmann a história ainda nem começou. Estamos conectados a ela no futuro pelo conhecimento ou pela fé. A HS é uma espécie de desmundanização. Um abandono progressivo deste mundo e uma conexão gradativa com um novo mundo.

Em certo sentido, como afirma Plantinga (Plantinga: 2018, 104), teólogos como Bultmann e Tillich, são teólogos da *não interferência divina*, ou seja, afim de manter a ordem "natural" das coisas e as leis que governam o universo sem qualquer suspensão, Deus não age na história com milagres, teofanias e outras manifestações. Caso contrário, estaria passando por cima das leis que Ele mesmo estabeleceu³¹.

³¹ Não é o foco aqui tratar das questões da relação entre a ciência e a fé. No entanto, no mesmo livro de Plantinga, vemos que a Teoria da Relatividade de Einstein (que mostrou que o tempo é flexível), e as novas descobertas a respeito do que compõem a realidade material, feitas pela Física Quântica, derrubam a afirmação de que as Leis da Natureza são invioláveis, já que estas leis, como se concebia antes da Relatividade da Física Quântica, já não podem

Esta afirmação, como é natural perceber, nos coloca em dilema com a narrativa das Escrituras que afirmam a existência de um Deus que intervém e participa ativamente da história.

Posições conservadoras

Vern Sheridan Poythress

Poythress³² afirma a Bíblia evidencia um plano unificado de Deus para a história. O seu propósito final para a plenitude dos tempos é *“reunir todas as coisas em Cristo, no céu e na terra”* (Ef 1.10), *“para louvor da sua glória”* (Ef 1.12). Segundo ele, Deus tem seu plano elaborado desde o começo: *“Lembrai-vos das coisas antigas; Eu Sou Deus e não há outro, que declaro o fim desde o começo, desde os tempos antigos. Meu conselho subsistirá”* (Is 46.9, 10).

Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos (Gl 4.4,5). A obra de Cristo na terra, especialmente sua crucificação e ressurreição, é o clímax da história, o centro no qual Deus consuma a salvação para a qual toda a história bíblica se direciona, cumprindo as promessas feitas através dos Profetas e dos Escritos do AT. A era presente olha para a obra passada de Cristo, mas

ser consideradas rígidas e invioláveis como se concebia. As leis da mecânica, por exemplo, hoje são mais consideradas como estudo das possibilidades do que como regras fixas. Ainda estamos longe de descobrir empiricamente e observar a menor unidade da matéria. Apesar de afirmar que interferências divinas são improváveis, a física contemporânea não nega estritamente a possibilidade da intervenção divina, outrora conhecida como quebra de leis. Ou não estamos diante de um Universo fechado (em suas regras e leis) ou não somos capazes de compreender como se dão as ações divinas, sua Providência e seus critérios. Ao que nos parece, como argumentamos adiante, é que as leis existem, vivemos em um Universo previsível, mas janelas flexíveis são abertas de tempos em tempo com propósitos específicos. Teologicamente podemos afirmar sem qualquer hesitação: Deus é o dono do Universo e age nele como quiser. Não nos deve prestação de contas de seus atos.

³² Vern Sheridan Poythress nasceu em 1946 na Califórnia – EUA é um teólogo calvinista e filósofo, além de um estudioso do Novo Testamento. Poythress viveu em sua fazenda da família em Madera, Califórnia, até cinco anos de idade e depois se mudou com sua família para Fresno, também na Califórnia. Ele ganhou um BS em Matemática do California Institute of Technology (1966) em três anos como o melhor aluno de sua classe, e foi companheiro de Putnam em 1964. Em 1970, ele recebeu seu Ph. D. em matemática na Universidade de Harvard. Ele estudou linguística e tradução da Bíblia no Summer Institute of Linguistics na Universidade de Oklahoma em 1971 e 1972, e ele se matriculou no Seminário Teológico de Westminster, ganhando um M. Div. (1974) e um Th. M. em Apologética (1974). Ele então recebeu um M. Lit. no NT da Universidade de Cambridge (1977) e um ThD em NT da Universidade de Stellenbosch, África do Sul (1981). Ele ensinou matemática em Fresno State College (agora California State University, Fresno) por um ano, depois de receber seu Ph. D. no assunto, e ele ensinou a linguística no Summer Institute of Linguistics nos verões de 1974, 1975 e 1977. Foi professor do NT no Seminário Teológico de Westminster na Filadélfia desde 1976 e tem editado o Jornal Teológico de Westminster desde 2005. Ele também foi membro do Comitê de Supervisão de tradução para a versão padrão Inglês. Em 1981, ele foi ordenado presbítero docente na Igreja Presbiteriana Reformada, Evangélica Sínodo, que se fundiu na Igreja Presbiteriana na América. Ele se casou com sua esposa Diane em 1983, e eles têm dois filhos, Ransom e Justin.

também para a consumação de sua obra quando vierem Novos céus e Nova Terra nos quais habita a justiça (2Pe 3.13; Ap 21.1-22.5).

O plano unificado de Deus o levou a incluir promessas e predições ao longo dos tempos passados, e cumpri-las mais tarde. Às vezes as promessas são explícitas, como a promessa da vinda do Messias (Is 9.6,7). Às vezes elas são simbólicas, como a determinação de que animais fossem sacrificados como símbolo do perdão dos pecados (Lv 4). Em si mesmo, o sacrifício não perdoava pecados (Hb 10.1–18), mas já apontavam para Cristo, o Cordeiro perfeito de Deus que tira o pecado do mundo de forma concreta, objetiva e definitiva (Jo 1.29).

A HS para Poythress é percebida não apenas por meio das promessas de salvação e das promessas concernentes ao compromisso de Deus com seu povo, mas também por meio de ameaças, muito comuns em toda narrativa bíblica. A relação de Deus com seu povo não era apenas baseada em bênçãos, mas também de advertências e ameaças de destruição e de maldição³³. Era necessário que fosse assim por conta da reação justa de Deus contra o pecado. Essas advertências antecipavam e apontavam para Cristo de duas maneiras diferentes.

Primeiramente, Cristo é o Cordeiro de Deus, que carrega a maldição do pecado (Jo 1.29; 1Pe 2.24). Ele era inocente quanto ao pecado, mas tornou-se maldição por nós a levando-a sobre si mesmo, maldição que nos era merecida (2Cor 5.21; Gal 3.13). Toda ocasião no AT que retrata a ira de Deus contra o pecado e sua punição aponta para a ira que caiu sobre Cristo na cruz.

Em segundo lugar, vemos a HS por meio dos Pactos e das Alianças que compreendem também as promessas de Deus ao seu povo no AT, que é o caso de análise de seu trabalho de Poythress que consultamos aqui, e que estão não apenas no contexto dos compromissos de Deus para com seu povo, mas também nas obrigações que o povo tem para com Deus. Noé, Abraão e outros a quem Deus encontra e se dirige são chamados não somente a crer em Deus, mas a responder com suas vidas ao chamado de Deus em obediência integral e irrestrita. A relação de Deus com seu povo é

³³ Segundo o Prof. John Carl Bosma, do Cavin College (Grand Rapids – EUA) afirma que, no que diz respeito aos profetas, qualquer leitura que se faça dos mesmos sem incluir a graça que acompanha a vida daqueles que se arrependem e dão ouvidos à voz de Deus diante de ameaças, deve ser descartada. O que isto significa? Mesmo as predições mais duras, ou as mais cruéis ameaças dos profetas bíblicos, apontam sempre para a clara intenção divina no arrependimento daqueles que o ouvem. Tomemos como exemplo o curto livro de Sofonias, um profeta pré-exílico, cujas profecias parecem encaixar no período de 620-600 a.C. Os seus dois primeiros capítulos acentuam ameaças a Judá e Jerusalém, como a diversos outros povos como Filístia, Amom, Moabe e Etiópia, mas no capítulo três, que é o capítulo final, vemos um dos mais lindos cânticos de toda a Bíblia, com promessas muito grandes ao povo de Deus.

consumada por meio de pactos. Mas é importante notar que, mesmo que os homens tenham participado do plano de Deus e na HS, nem sempre são ou estão plenamente conscientes destes pactos. Podemos notar através da resposta dada a Daniel diante de uma visão e profecia em Daniel 12.8-13 que narra eventos futuros não compreendidos por Daniel e cuja interpretação não lhe foi dada, ainda que a profecia sim:

Eu ouvi, mas não compreendi. Por isso perguntei: Meu senhor, qual será o resultado disso tudo? Ele respondeu: Siga o seu caminho, Daniel, pois as palavras estão seladas e lacradas até o tempo do fim. Muitos serão purificados, alvejados e refinados, mas os ímpios continuarão ímpios. Nenhum dos ímpios levará isto em consideração, mas os sábios sim. A partir do momento em que for abolido o sacrifício diário e for colocado o sacrilégio terrível, haverá mil e duzentos e noventa dias. Feliz aquele que esperar e alcançar o fim dos mil trezentos e trinta e cinco dias. Quanto a você, siga o seu caminho até o fim. Você descansará, e então, no final dos dias, você se levantará para receber a herança que lhe cabe.

Quando Deus faz um pacto com o homem, ele é apresentado como o Soberano que especifica as obrigações do pacto para ambas as partes. *Eu serei seu Deus* é o compromisso fundamental da parte de Deus, enquanto, *eles serão meu povo*, é a obrigação fundamental dos seres humanos. Lidando apenas com o AT, ele ainda conserva a interpretação cristológica como o ponto culminante da HS porque toda história passa pela Genealogia, Vida, Ministério, Morte, Ressurreição e a Segunda Vinda de Cristo.

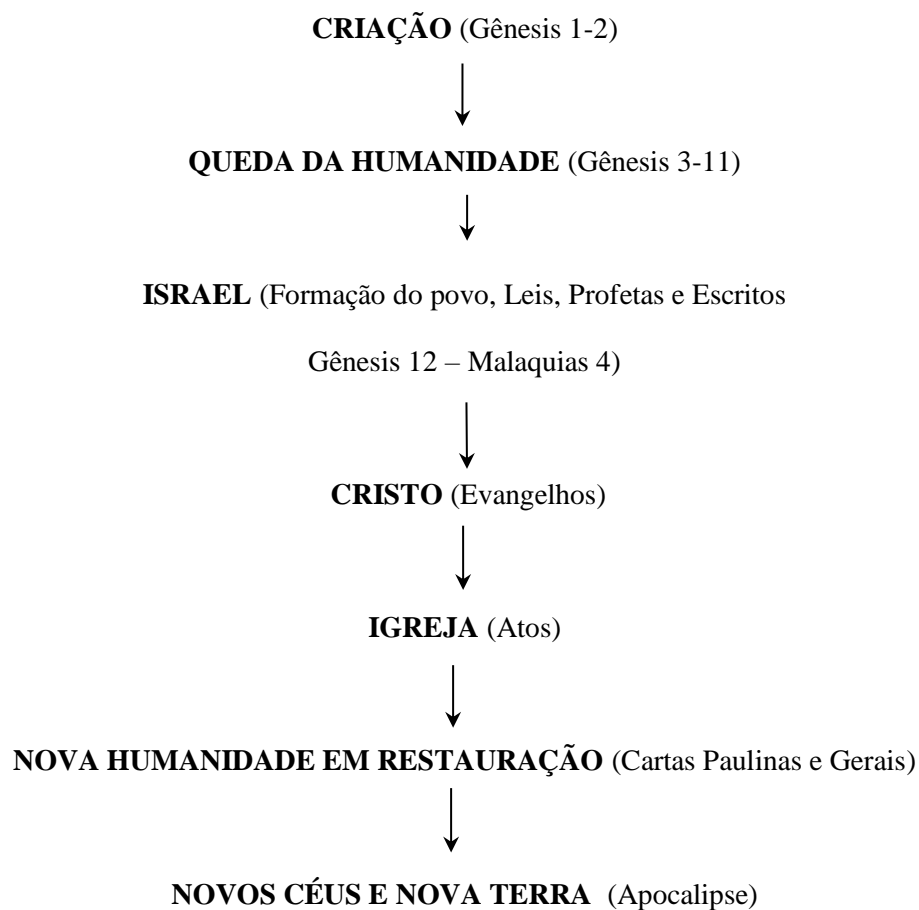
George Eldon Ladd

Para George Eldon Ladd³⁴ (1911-1982) a coluna mestre de uma Teologia do Novo Testamento é a também a *Heilsgeschichte* (A História da Salvação). Ele afirma

³⁴ George Eldon Ladd nasceu 31 de julho de 1911 e faleceu em 05 de outubro de 1982, após um derrame em 1980, que deve tê-lo debilitado muito. Converteu-se em 1929 em uma igreja metodista. Foi, no entanto, pastor batista e professor de Exegese e Teologia do NT do Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia conhecido no campo da escatologia cristã e por sua contribuição para o conceito da escatologia inaugurada e futurista, conhecida como pós-tribulacionismo. Ladd nasceu em Alberta - Canadá e foi criado na Nova Inglaterra. Estudou teologia na faculdade de Gordon, em Massachusetts e foi ordenado ao ministério pastoral em 1933, pela Convenção Batista do Norte. Pastoreou igrejas em New Hampshiree Vermont, enquanto continuava seus os estudos superiores no Gordon Divinity School. Ladd serviu como professor no curso de Teologia e Missões no Gordon College, (hoje conhecido como Gordon-Conwell Theological Seminary) Wenham, Massachusetts de 1942 a 1945. Atuou, também, como professor de NT e Grego Bíblico de 1946 a 1950, e foi chefe do departamento de NT de 1946 a 1949. Ele estudou, também, na Universidade de Harvard, sendo que durante este período completou sua tese de doutoramento sobre A Escatologia da Didaqué (livro apócrifo do segundo século importante para a reconstrução da vida e Teologia da Igreja Cristã primitiva). Ladd se mudou para a Califórnia em 1950, e ensinou teologia bíblica no Seminário Teológico

que Pedro, por exemplo, reinterpretoou todo o AT da perspectiva da Morte, Ressurreição, Ascensão e Segunda Vinda de Cristo na qual a tarefa messiânica se completa ao consumir a redenção da humanidade (Ladd: 2003, 478).

É possível, segundo Ladd, perceber e destacar um fluxograma na narrativa bíblica composta em ordem por *criação, humanidade, Israel, Cristo, igreja, humanidade e Nova Criação*.



Ou seja, após a Criação temos a queda da humanidade, Deus chama Israel por meio de quem veio o Cristo, Cristo salva por meio de sua Igreja toda a humanidade caída e enfim temos uma Nova Criação.

O esquema adotado por Ladd parece de alguma forma segue o mesmo esquema, pois em todos os capítulos ele procura pensar nos fundamentos da vida cristã a partir da perspectiva da Vida e da Obra de Cristo, e todos os eventos são culminantes com a Escatologia, apontando para uma nova criação.

Fuller, Pasadena. Fuller, na ocasião, estava no quarto ano da sua fundação, ou seja, no início de sua jornada, quando Ladd se juntou ao corpo docente e Hagner observa que ele "se tornou uma das figuras-chave no desenvolvimento direção do seminário."

É possível conceber o evento criacional como grande fato cósmico e geral. Por causa do pecado a história da criação toma um novo rumo e é necessário que haja um afunilamento histórico, passando por Cristo em seu ponto mais crítico (mais afunilado).

Com o surgimento do período patriarcal, iniciado por Abraão e sua família nuclear, é criada uma grande nação que, supostamente, irá abençoar o mundo (Gn 12.1-3). No entanto, o ápice desta nova família, ou deste povo que se mostrou incapaz de viver ou recuperar o relacionamento humano com Deus, surge um novo ser: Cristo, que segundo Paulo é o Segundo Adão, incorruptível e espiritual.

Temos então um novo revés histórico. Tendo como base uma pequena comunidade (At 2), que tem na ressurreição de Cristo a sua grande mensagem, vem o comissionamento para alcançar os limites da terra (Mt 28.18-20, At 1.8). Uma nova raça, alicerçada no poder de Cristo, deve surgir e como produto de suas ações históricas e do seu conteúdo querigmático, deve conduzir a história ao seu clímax e reversão do poder do mal. Em certo sentido, todas as ordens dadas a Adão (sujeitar a terra, por exemplo) e promessas feitas a Abraão (de abençoar todas as famílias da terra), continuam intocáveis em toda a Grande Comissão (Mt 28.18-20, At 1.8).

A relevância deste esquema para a teologia contemporânea está em descortinar uma *metanarrativa*³⁵ (que é a HS) que alicerça a realidade espiritual em Cristo com a continuidade de todos os processos históricos.

O Cristianismo é uma religião histórica e da história. A HS é esta grande metanarrativa. Há fundamentos e propósitos para a criação da humanidade e estes fundamentos e propósitos se encontram em Cristo e em sua Palavra.

Em resumo, Poythress é contundente ao afirmar que toda a narrativa bíblica aponta para o fato de que há um plano unificado da parte de Deus para a humanidade. É um plano revelado por meio de alianças, acordos e pactos.

Este plano não inclui apenas bênçãos, inclui também o castigo em função do pecado. Ladd, por sua vez, descreve a HS como um plano divino que culmina em Cristo e reverte toda a condição da criação vendida pelo pecado. A cruz é o ápice desta reviravolta e os Novos Céus e Nova Terra sua conclusão.

³⁵ Metanarrativa é uma expressão literária e filosófica que descreve a narrativa contida dentro ou além da própria narrativa, como algo superior que amalgama todos os fatos que lhe estão subordinados. É a grande história. O termo tomou os debates ao final do século XX pelo filósofo francês Jean-François Lyotard, que foi o precursor da ideia de que a pós-modernidade encerraria ou daria fim às grandes narrativas.